



## ENSINO DE GEOGRAFIA E O PIBID: COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS SUPERVISIONADAS

Tatiane Fróes Queiroz<sup>1</sup>  
Isabela Santos Albuquerque<sup>2</sup>

### RESUMO

O ensino da Geografia no cotidiano escolar enfrenta desafios e requer a busca constante de aprimoramento e de novas práticas e possibilidades. Diante disso, este artigo compartilha experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), junto a discentes do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). A fase de campo do Subprojeto do PIBID/Geografia/IFBA ocorreu com estudantes matriculados no Ensino Fundamental II em uma escola da rede municipal, localizada no bairro do Barbalho, na cidade de Salvador/BA. O trabalho evidencia um estudo de caso alicerçado nas seguintes etapas: pesquisa e delineamento teórico para embasamento e compreensão de conceitos inerentes à Geografia Escolar; realização de planejamento das ações pedagógicas para a fase de campo dos licenciandos; desenvolvimento de oficinas pedagógicas com os estudantes do Fundamental II da escola campo; além da descrição, considerações e avaliação coletiva sobre as vivências ocorridas no referido Subprojeto. A reflexão teórica foi construída a partir de estudos de Costa e Moreira (2016), Pontuschka (2009), Azambuja (2013), Nascimento (2016), Vesentini (2005) e Pires (2012). A guisa de conclusão pode-se dizer que o planejamento e a realização de atividades diversificadas, como as oficinas pedagógicas e a elaboração de materiais didáticos, consistiu numa iniciativa importante tanto para os futuros licenciandos, que puderam manter contato com a realidade da Educação Básica, ainda em seu processo formativo, fortalecendo o vínculo com a Geografia Escolar, quanto para os discentes da escola campo que aprenderam de forma mais prazerosa. As experiências demonstram e reforçam a importância do PIBID na formação dos professores e como as ações desenvolvidas influenciam na realidade das escolas com a produção de conhecimentos, visando à melhoria da qualidade de ensino nas redes públicas de ensino.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, PIBID, Vivências, Oficinas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência significativa que pode contribuir para que os sujeitos conheçam e analisem o espaço em que vivem, de modo a adquirir base para agirem de forma consciente e crítica no mesmo. No entanto, em algumas realidades, ainda é possível perceber

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia (IFBA) - BA, [taty.froes@yahoo.com.br](mailto:taty.froes@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT) – SE, [isabela.albuquerque@souunit.com.br](mailto:isabela.albuquerque@souunit.com.br)

que muitos discentes apresentam certa rejeição no estudo da referida área. Por que será que isso acontece? Por que não conferir credibilidade a uma ciência que pode favorecer o conhecimento e interpretação da realidade vivida?

Nas aulas de Geografia de escolas das redes públicas e privada, ainda hoje, vê-se que alguns professores não se apropriaram de saberes pedagógicos e didáticos para respaldar o trabalho com propostas e meios diferenciados para o trato com os temas de sua área. Além disso, os conhecimentos específicos acabam sendo mais valorizados e *repassados* com o uso do livro didático e pela explanação oral dos conteúdos, tornando as aulas, muitas vezes, enfadonhas. Tais aspectos podem servir como ponto de partida para respaldar os questionamentos citados anteriormente. Azambuja (2013, p. 166) tece uma crítica sobre estas questões ao considerar que,

a sala de aula não é mais o lugar de repasses de conteúdos prontos, e sim o lócus das muitas possibilidades para a circulação e construção de conhecimentos. A didática específica da geografia é pautada também pela renovação teórica e metodológica da ciência, considerando os fundamentos e a discussão atual da teoria e o método da análise geográfica.

Diante da realidade retratada, a memorização e a descrição acabam sendo operações mentais valorizadas demasiadamente, em detrimento da análise e síntese dos temas trabalhados. Tudo isso dificulta o aprendizado do aluno e acaba não tornando a disciplina atrativa. Sobre a forma tradicional do ensino de Geografia, Pires (2012, p.2) destaca:

Essa prática é caracterizada, na maioria dos casos, pelo enciclopedismo, pela utilização excessiva e descontextualizada do livro didático, pelo caráter descritivo, voltado para a memorização e para a reprodução de conteúdos e pela negação dos conhecimentos anteriores dos alunos. Em razão disso, o ensino de Geografia ainda contribui para a reprodução de um conhecimento conteudista, descritivo, desarticulado e fragmentado, dissociado da realidade social.

Observa-se, então, que o ensino da Geografia no cotidiano escolar enfrenta desafios, requerendo dos docentes a busca constante de aprimoramento, de novas experiências e possibilidades para tornar a sua ação pedagógica atrativa. O professor deve refletir constantemente sobre a sua prática, a fim de alcançar o que se é esperado de um profissional que se preocupa em colaborar para o processo formativo de cidadãos, compreendendo que educar é um ato dialógico, pois:

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo



indeciso e acomodado. [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p.25):

Tratar sobre os aspectos ora apresentados é necessário para que seja possível estabelecer reflexões sobre a docência na Geografia, procurando meios para superar os desafios mencionados. A educação geográfica precisa fazer sentido para os sujeitos, sendo um instrumento de libertação, tendo em vista que:

[...], educar para a liberdade não é apenas educar os outros, mas também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao mesmo tempo em que se ensina [...]. Só assim pode-se propiciar aos educandos que se tornem cidadãos plenos, agentes da história, sujeitos autônomos, críticos e criativos (VESENTINI, 2005, p.14).

Ainda refletindo sobre a formação docente, Cavalcanti (2012, p.75) aborda que para enfrentar as questões que emergem na atualidade e edificar uma ação docente consciente, é preciso que haja,

[...] uma formação profissional consistente, que propicie ao professor segurança para tratar os temas disciplinares, analisar a sociedade contemporânea, suas contradições e suas transformações, para compreender o processo histórico de construção do conhecimento, seus avanços e seus limites, e para ter sensibilidade para compreender o mundo do aluno, sua subjetividade e suas linguagens.

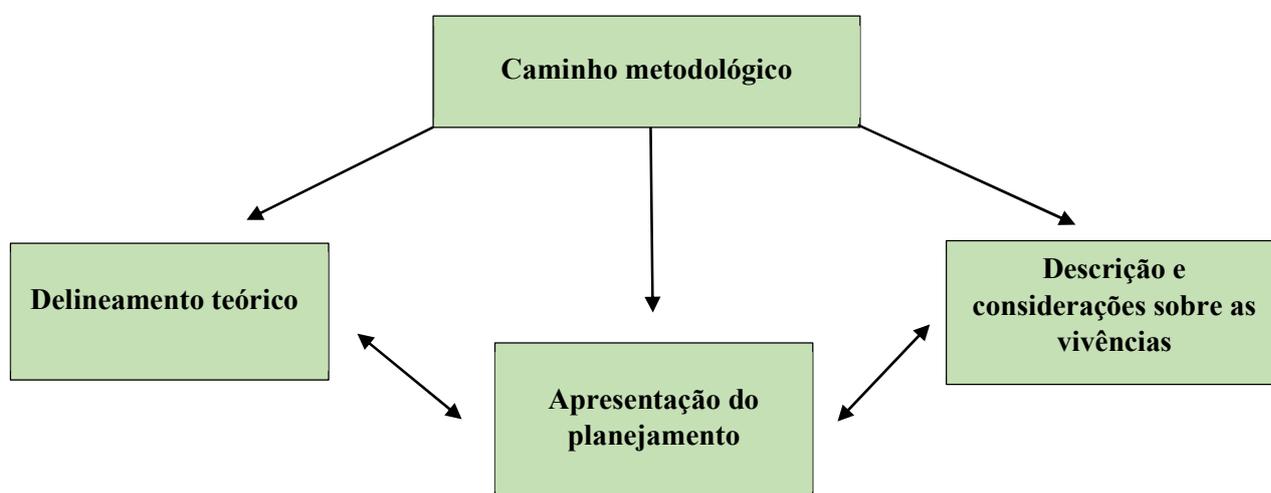
O processo de formação inicial docente ocorre nas universidades, faculdades e institutos, perpassando por etapas necessárias e obrigatórias, tais como os estágios de observação e regência, ações importantes e fundamentais para conhecer o cotidiano da escola e dos atores envolvidos na dinâmica dela. O contato com as práticas diárias em sala de aula, o planejamento, a execução e participação em atividades práticas são também de total relevância para uma formação próxima a realidade vivenciada nas escolas. Nesse ensejo, participar de projetos que tragam para a sala de aula novos mecanismos e atividades pode ser motivador, favorecendo para que o ambiente escolar seja um local de acolhimento e de criação de novos saberes ancorados cientificamente.

Há algum tempo programas de formação são criados e implementados pelo governo federal, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para estimular, incentivar e aprimorar a docência, a exemplo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Residência Pedagógica (RP), dentre outros. Assim, o presente artigo tem como objetivo relatar experiências sob a ótica da supervisão na unidade escolar onde foram desenvolvidas as atividades relacionadas ao PIBID, junto a discentes do

## **METODOLOGIA**

A participação no Subprojeto de Geografia PIBID/IFBA exigiu que os sujeitos envolvidos (coordenação, supervisão, discentes), através de uma ação dialógica, pensassem num caminho metodológico que favorecesse a sua estruturação, a vivência de novas experiências, além da descrição e apresentação delas (Figura 1).

Figura 1:



**Elaboração:** Das autoras, agosto de 2022.

O planejamento do processo foi realizado conjuntamente, sendo delimitado que a pesquisa, estudo e debate de materiais e referenciais sobre o ensino de Geografia fosse condição essencial para que os participantes conseguissem formar-se gradativamente. A partir das discussões implementadas, as ações para o Subprojeto de Geografia PIBID/IFBA surgiram e se desenvolveram, demonstrando ser possível edificar uma prática pedagógica construtiva e crítica.

A ação dos licenciandos ocorreu em turmas do Ensino Fundamental II em uma escola da rede municipal da Cidade de Salvador, localizada no bairro do Barbalho, compreendendo o período do segundo semestre de 2018 até o ano letivo de 2019. As turmas escolhidas para aplicação das atividades do projeto foram os 6º e 7º anos, totalizando 4 turmas com carga horária de 2 aulas semanais da disciplina Geografia em cada turma.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) visa a valorização dos futuros docentes durante seu processo formativo. Apresenta como objetivo o aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica e a melhoria de qualidade da educação pública brasileira. Trata-se de uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que propicia a estudantes de licenciatura a possibilidade de aproximação com a realidade escolar das redes públicas na educação básica, através de concessão de bolsas e parceria entre unidades de ensino superior e as redes de ensino (CAPES, 2012).

Nesse sentido, trata-se de importante iniciativa para os futuros licenciados em Geografia que ao participarem da realidade da educação básica, ainda em seu processo formativo, fortalecem seu vínculo com a realidade da Geografia Escolar entendendo que: “Ensinar geografia significa compreender o mundo, suas transformações e representações sociais em suas múltiplas dimensões da realidade social” (COSTA e MOREIRA, 2016, p.21).

A explanação que se segue foi reflexo de experiência, sob a ótica da supervisão. No intuito de uma melhor sistematização serão distribuídas em 3 blocos com agrupamentos das atividades realizadas ao longo da execução do projeto:

- 1- Instrumentalização teórica;
- 2- desenvolvimento de conhecimentos geográficos;
- 3- produção de trabalhos acadêmicos, organização de seminário e produção de relatórios.

A **instrumentalização teórica** foi desenvolvida a partir da leitura e debate de textos referentes à Geografia Escolar. Para tanto, materiais diversificados foram disponibilizados aos grupos de estudo organizados e, posteriormente, realizados momentos de debate de temáticas com vistas a uma fundamentação teórico-metodológica. Tal atividade antecedeu as práticas, ajudando na elaboração de estratégias de intervenção, bem como na elaboração de materiais pedagógicos para auxiliar nos processos de ensino e de aprendizagem.

Outra ação que merece destaque foi a realização de uma visita à unidade escolar, visando conhecer os aspectos físicos, administrativos e pedagógicos. Após tal visita, os grupos elaboraram relatórios apresentando as suas impressões e reflexões sobre a rotina observada, os aspectos físicos, administrativos e pedagógicos, atingindo, dessa forma, a finalidade proposta de melhor conhecer a dinâmica escolar.

A fundamentação teórica também oportunizou aos licenciandos, juntamente com a docente supervisora, participarem de um momento relevante que foi a análise e escolha do livro didático. Tal atividade foi reveladora para os pibidianos que conseguiram entender que a seleção de um livro requer um estudo minucioso e responsável da equipe, já que este material evidencia não só uma opção teórica, como uma filosofia de ensino que se deseja consolidar.

Questão importante trabalhada por Costa e Moreira (2016, p.38) refere-se à busca de estudo de princípios relevantes para que o professor possa se tornar um pesquisador, podendo-se citar o/a: “a) domínio do conhecimento geográfico [...] e seus caminhos teórico-metodológicos para trabalhar a disciplina; b) uso das diferentes disciplinas [...]; c) compreensão do mundo contemporâneo e d) ter uma consistente formação científica, pedagógica e humana”

Conforme afirmam os autores supracitados, considera-se que tais ações de acesso e produção de conhecimento científico aos participantes, aproximando-os da realidade acadêmica e do cotidiano nas salas de aula na escola, tendem a ampliar e fortalecer a base teórico-conceitual a partir da valorização dos referenciais epistemológicos e dos fundamentos da Educação e da Geografia Escolar.

Em consonância ao processo de planejamento, chegou-se ao momento de ampliar o repertório teórico dos licenciandos, o que aconteceu a partir do **desenvolvimento de conhecimentos geográficos**. Assim, foi feita a apresentação do Plano de Curso de Geografia das turmas do Ensino Fundamental II da escola campo, a fim de que os pibidianos pudessem conhecer a estrutura, os conteúdos e a distribuição das unidades didáticas. A aproximação proposta foi importante para a realização de uma ação coletiva, entre licenciandos e supervisora, na participação, organização e planejamento de atividades didático-pedagógicas capazes de dinamizar o ensino de Geografia.

Ocorreu também a observação e coparticipação em aulas de Geografia nas turmas da professora supervisora. O desafio era pensar e propor atividades didático-pedagógicas diversificadas e criativas para uso em sala de aula com temáticas dentro do planejamento proposto. Então, foi utilizado como recurso didático pedagógico a elaboração de caça-palavras, de slides com textos e imagens variados, bem como a projeção de pequenos vídeos com finalidade educativa. Os temas que contemplaram as atividades foram: Águas continentais, Águas oceânicas, Recursos naturais renováveis e não renováveis. As atividades foram implementadas junto às turmas do 6º ano fundamental II.

Nascimento (2016, p.96), infere ser importante,

rever o monismo metodológico e considerar a adoção de métodos de ensino que conduzam o discente a aproximar-se do objeto de estudo e, na medida do possível, não apenas vê-lo, mas tocá-lo, senti-lo e compará-lo com outros objetos correlatos, ou seja, que o aluno movimente-se em direção ao conhecimento e com ele misture-se.

Em continuidade à segunda meta – o desenvolvimento de conhecimentos geográficos – surgiu a ideia de se trabalhar com oficinas pedagógicas. Com base em Mutschele e Gonsales Filho (1998, p.13), pode-se dizer que o papel de uma oficina é: “implantar um espaço na escola onde o professor possa debater, refletir, propor, discutir, receber informações/conhecimentos de diferentes práticas didáticas e metodológicas na sua área de atuação”.

Assim, o grupo propôs a elaboração de uma oficina pedagógica com conteúdo referente ao 7º ano do Ensino Fundamental II com o título: *Cortinas do Nordeste*. Para preparação da oficina foram realizadas reuniões de planejamento, onde foi abordada a necessidade de agregar a interdisciplinaridade na atividade proposta com o envolvimento das disciplinas Português (para serem criados cordéis como forma representativa da cultura nordestina); História (representando a história nordestina); Artes e Geografia (Confecção, por parte dos alunos, de um mapa brasileiro).

Tal atividade teve relevância para todos e permitiu a criação e desenvolvimento de conhecimentos geográficos, através de uma prática interdisciplinar, promovendo nos diferentes espaços formativos a concretização de atividades de caráter inovador, na perspectiva da articulação entre teoria e prática. Quanto à questão da interdisciplinaridade Pontuschka (2009, p. 145), ressalta que:

A Geografia, no desenvolvimento de seus conceitos e na maneira de produzir, ensinar e relacionar-se ou não com seus próprios ramos e com outras ciências ou disciplinas escolares, é um movimento histórico que se encontra em constante transformação. O professor necessita manter o diálogo permanente com o passado, o presente e o futuro para conhecer melhor sua própria ciência e saber constituir projetos disciplinares e interdisciplinares na escola (PONTUSCHKA, 2009, p.145).

Inserir os licenciandos em atividades de caráter inovador e interdisciplinar, na perspectiva da articulação entre teoria e prática é um modo promissor de fazê-lo avançar rumo a um processo formativo mais coeso, reflexivo e dinâmico. Mutschele e Gonsales Filho (1998, p.9) inferem que:

O ideal que se procura conseguir na formação do professor é unir a teoria à prática. Poucos são os que possuem a intuição educativa. Daí a necessidade de uma formação técnico-pedagógica associada à prática da escola. Exercícios de observação orientada,

Para as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II foi planejado trabalhar com a produção de material pedagógico, com o objetivo principal de auxiliar na abordagem do conteúdo em sala de aula. O recurso escolhido foi à construção de maquetes a partir dos seguintes temas: Estrutura interna Terra; Rotação e translação; Paralelos e meridianos; e Rosa dos ventos (Ver Figura 2).

Figura 2: Maquetes elaboradas pelos licenciandos na ação com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II.



Fonte: Queiroz, Tatiane Fróes, novembro de 2019.

As ações pedagógicas edificadas a partir do trabalho com maquetes atingiu ao objetivo proposto de construir uma realidade visual perceptível do conteúdo para os estudantes do Ensino Fundamental. Com isso, explorou-se abordagens teórico-metodológicas da Geografia Escolar, tratando os temas com mediação didática dos conteúdos, desencadeando nos alunos um maior interesse sobre as temáticas da Geografia

Através da realização de oficinas e produção de material pedagógico, os licenciandos e a supervisora puderam dinamizar os processos de ensino e aprendizagem na Geografia, atingindo os objetivos de tornar as aulas dinâmicas e proporcionar a participação interativa dos educandos.

A **organização de Seminário Interno** para a socialização das atividades desenvolvidas nos Subprojetos dos cursos de Física, Matemática e Geografia foi outro momento significativo da vivência supervisionada, através da qual ocorreu a apresentação das produções de forma mais ampla, seguida da apresentação de todo o trabalho produzido pelos pibidianos, por meio de artigos impressos e de banners. Tal atividade incentivou os participantes a produzirem coletivamente trabalhos acadêmicos com vistas à participação em eventos científicos para a socialização de experiências.

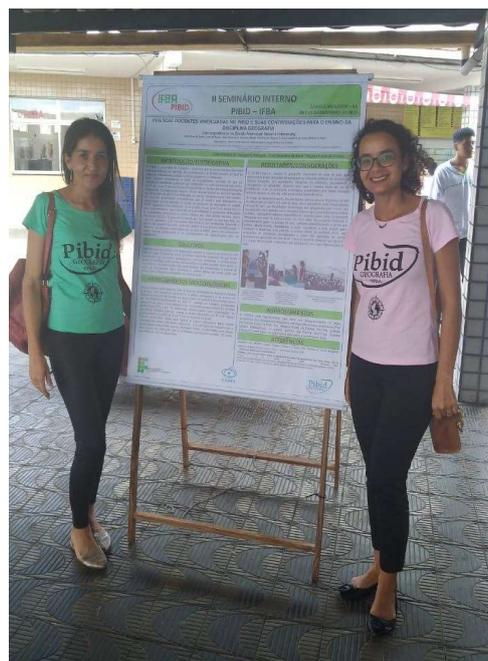
No final do projeto aconteceu a apresentação pública das ações desenvolvidas nos projetos com o debate entre coordenadores, supervisores, pibidianos e convidados em mesa redonda. Um ponto alto do evento foi a socialização dos banners com todo o processo experienciado no projeto, com as atividades didático-pedagógicas, além dos relatos de experiência em sala e produção de materiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à tona a importância da ação docente requer, paralelamente, que se trate também sobre o seu processo formativo. É fundamental entender a formação docente como uma prática de constante modificação e que deve se adequar às demandas da sociedade, principalmente num mundo em constante mudança.

O PIBID tem como essência a inserção dos licenciandos na realidade de escolas da rede pública de educação, propiciando a integração e aproximação tão necessária entre o que é produzido em âmbito acadêmico de nível superior e as práticas desenvolvidas diariamente nas diversas escolas. Tal iniciativa tem um papel fundamental na valorização do magistério em nosso país, com a troca de experiências e produções que podem contribuir para melhoria no

Figura 3: Seminário Interno do Pibid.



Fonte: Queiroz, Tatiane Froés, novembro de 2019.



ensino. Ao ter contato com a realidade escolar o licenciando pode conhecer melhor as nuances de sua futura profissão, afinal conforme afirma Amorim, “certamente, do confronto e do encontro na relação entre a teoria e a prática vão resultar diferentes concepções e experiências de formação de professores que são assim, configuradas pelo que se entende ser a escola e o ensino” (AMORIM, 2015, p.6).

Os relatos de experiências aqui expostos demonstram e reforçam a importância do PIBID na formação dos professores supervisores, ratificando como tais ações influenciam na realidade das escolas com a produção de conhecimentos, visando à melhoria na qualidade de ensino nas redes públicas. Além disso, trata-se de uma vivência enriquecedora e exitosa do ponto de vista da supervisão, que recebeu os estudantes de Geografia, favorecendo a troca de conhecimentos e de práticas pedagógicas até então inéditas em sua carreira docente.

Finalizando, pode-se dizer que houve a possibilidade de trabalhar dialogicamente para evidenciar como a Geografia pode ser mais atrativa para os alunos da Educação Básica e contribuir para a compreensão dos temas estudados. O professor deve se valer de meios que estimulem a curiosidade dos discentes, pensando em quais métodos pode recorrer para facilitar o aprendizado e dinamizar as suas aulas.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Cassiano Caon. PIBID GEOGRAFIA-UFJF: VIVENCIANDO A GEOGRAFIA ESCOLAR COMO ESPAÇO-TEMPO DE CONHECIMENTO E INVESTIGAÇÃO

Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19167\\_7967.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19167_7967.pdf)> Acesso em: 28 de nov. de 2020.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. A população na Geografia e no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org). **Temas da Geografia na Escola Básica**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CAPES/PIBID. Disponível em: < <http://www1.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>> Acesso em: 28 de nov. de 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

COSTA, Rita de Cassia Marques; MOREIRA, Cileya de Fátima Nunes. **Metodologia do ensino de Geografia**. 1. ed. Sobral, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 61. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUTSCHELE, M. S.; GONSALES FILHO, J. C. **Oficinas pedagógicas**: a arte e a magia do fazer na escola. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.



NASCIMENTO, Rosângela Dias Carvalho do. **A reportagem como instrumento didático: Perspectivas e possibilidades.** João Pessoa: Ideia, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. In: **Para ensinar e aprender Geografia.** Nídia Nacib Pontuschka; Tomoko Iydia Paganelli; Núria Hanglei (Orgs). Cacete-3. ed. São Paulo: Cortez.2009.

PIRES, L. M. Ensino de Geografia: Cotidiano, Práticas e Saberes. In: **XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.** Unicamp, Campinas, 2012.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2005.